

10ª Bienal do Mercosul enfoca América Latina, mas o que mais se vê é arte brasileira | GZH



Share

gauchazh.clicrbs.com.br[direct](#)

Visão da mostra "A Poeira e o Mundo dos Objetos", uma das quatro exposições da Usina do Gasômetro

A **10ª Bienal do Mercosul** pretende apresentar uma revisão da história da arte da América Latina, reunindo obras do século 18 até a atualidade sem se guiar por cronologias, gêneros e classificações. Interrompendo a guinada internacional das últimas edições, o curador-chefe desta, **Gaudêncio Fidelis**, quer resgatar o que chama de "vocação histórica" da mostra.

Um olhar sobre as exposi es indica que, mais do que latina, esta   uma Bienal de arte brasileira. Juntos, os 19 países estrangeiros somam menos de cem artistas. Sozinho, o Brasil tem mais de 150. Nesse sentido, a participa o da América Latina parece servir mais para iluminar a história da arte brasileira em rela o a seus vizinhos, apontando como a herança do passado colonial e a hegemonia dos centros artísticos da Europa e dos EUA se refletem na arte das Américas Central e do Sul.

  claro que números não determinam se um projeto curatorial   bem-sucedido, ainda mais em rela o a países de diferentes dimensões territoriais. Contudo, ajudam a analisar se esta Bienal consegue de fato ser a plataforma da arte latino-americana a que se propõe. Números ganham significado também em um projeto desde o início ambicioso em propor es, dependente de empréstimos de cole es estrangeiras e de uma complexa logística de transporte. **E ainda afetado por crise econ mica e redu o de orçamento.**

Como consequência da tentativa de manter o projeto inicial, a Bienal preencheu lacunas buscando obras estrangeiras que estão no Brasil e trabalhos em vídeo "transportáveis" pela internet. Entre o desejado e o possível, foram retirados mais de cem artistas da lista inicial com mais de 400. A **rela o final** são foi divulgada na véspera da inaugura o. O **curador-chefe reconhece o peso das baixas**, mas argumenta que o projeto se preservou conceitualmente. Ainda assim,   difícil pensar que a mostra não foi prejudicada. E se não era o caso de, diante das dificuldades, revê-la na extensão de suas ambi es.

Isso tudo é a parte, digamos, invisível da Bienal. A parte que o público está vendo desde sábado apresenta **oito exposições em diferentes locais de Porto Alegre até 6 de dezembro**. Os primeiros dias já mostraram que a Usina do Gasômetro é o centro desta edição. Além de hospedar quatro das mostras, tem recebido o maior fluxo de visitantes. É um bom começo para se desbravar a Bienal.

"Tropicália", de Hélio Oiticica, no térreo da Usina do Gasômetro, integra mostra "Marginália da Forma". Foto: Omar Freitas

No primeiro andar, o sucesso de *Tropicália*, de Hélio Oiticica, pode ser medido pela quantidade de pegadas na areia do público que percorre a instalação. A mostra *Marginália da Forma* também resgata obras dos anos 1980 de artistas gaúchos como Frantz, Heloisa Schneiders da Silva e Karin Lambrecht. Nesse andar, onde os trabalhos ficaram um tanto dispersos e alguns escapam ao percurso dos visitantes, a "escondida" Galeria Iberê Camargo merece uma pausa para dois vídeos: um de Jorge Francisco Soto, que projeta números relacionados aos assassinados pela ditadura no Uruguai, e outro de Analivia Cordeiro, pioneira da videoperformance no Brasil.

Está no segundo andar a exposição mais interessante no conjunto, *A Poeira e o Mundo dos Objetos*. Vale dedicar atenção aos trabalhos de materiais alternativos. Pelo caráter efêmero, muitas dessas obras deverão se alterar ao longo da mostra. Brígida Baltar desenha com pó de tijolo; Nuno Ramos esculpe com pó de cal e madeira; Dudi Maia Rosa, com isopor; André Petry usa pó de motor de caminhão; Shirley Paes Leme lida com filtros de ar-condicionado manchados pela poluição; Regina de Paula cria um castelo de areia dentro de uma bíblia; Geórgia Kyriakakis emoldura fotografias com pó de metal carbonizado. Merece um olhar atento Ismael Monticelli, artista gaúcho da nova geração que ganhou espaço generoso para suas fotografias enigmáticas e as pinturas de paisagem recobertas com pó de cimento.

Obra de Lygia Pape com aromas, na mostra "Olfatória: o Cheiro na Arte", no segundo andar da Usina do Gasômetro. Foto: Guilherme Dias/Divulgação

No mesmo andar, a mostra *Olfatória: o Cheiro na Arte* também chama atenção pela abordagem, ao enfatizar outro sentido que não a visão. Há obras de Lygia Pape, Ernesto Neto, José Ronaldo Lima, Oswaldo Maciá e Alexandre Vogler que exalam aromas. Mas outras interrogam o porquê de estarem ali.

Por fim, no andar acima, *Aparatos do Corpo* reúne trajes de Arthur Bispo do Rosário, Lygia Clark e Flávio de Carvalho, mas o destaque são dois vídeos: as performances de Leticia Parente, costurando frases na sola do pé com agulha e linha, e de Regina José Galindo, que fica nua em um gramado enquanto uma escavadeira cavouca a terra ao seu redor com profundidade tamanha que a deixa ilhada em meio à natureza.

Da Usina, basta caminhar 15 minutos até a Praça da Alfândega para ver outras três exposições (no Margs, no Memorial do RS e no Santander Cultural) e depois se deslocar até a Zona Norte para ver a última (no Instituto Ling).